**VAMOS CONSTRUIR UM BARCÃO!**

**No cotidiano da educação infantil os saberes das crianças**

*Profª Dra. Eliete Jussara Nogueira[[1]](#footnote-1)*

*Ma. Ana Cristina Baladelli Silva[[2]](#footnote-2)*

*Vanessa Aparecida Marconato Negrão[[3]](#footnote-3)*

**EIXO TEMÁTICO:** Formação de professores e educadores de infância

**RESUMO**

**O cotidiano do professor é sempre preenchido de afazeres que acabam por tomar conta de todo o tempo, inclusive àqueles de interação com as crianças. O presente trabalho tem como objetivo geral compreender como a observação/interação do professor na educação infantil oferece pistas de seu desenvolvimento. O procedimento desta pesquisa em andamento consistiu na coleta informal de falas das crianças que foram agrupadas e apontam, nesse momento, para uma lógica concreta e uma percepção diferenciada do adulto, o que implica em possibilidade de interações mais próximas do contexto infantil.**

**Palavras-Chave: Educação Infantil, Infância, Cotidiano escolar, Educador.**

**INTRODUÇÃO**

**Há algo de encantador na educação infantil. Sim, as crianças, sem dúvida. Mas afora toda a doçura atribuída a elas, há algo de ainda mais interessante, que nós, professoras da pré-escola testemunhamos diariamente, e talvez seja o que mais dá significado ao nosso cotidiano: a interpretação das crianças ao que as cerca. As subjetividades construídas a partir de cada fala, de cada experiência; o espaço entre os degraus da infância e da vida adulta. A poética que se forma da relação adulto/criança. O prisma que se desenha no intervalo dos olhares adultos e infantis.**

Penso em uma criança que dispôs diversos objetos, grandes e pequenos, cuidadosamente, longamente, de uma maneira que ela achou bonita e ornamental, sobre a mesa de sua mãe, para “agradá-la” A mãe chega. Tranqüila, distraída, pega um desses objetos do qual ela vai precisar, recoloca um outro no seu lugar de sempre, e desfaz tudo. E quando as explicações desesperadas que acompanham os soluços contidos da criança lhe revelam a extensão do seu pouco caso, ela exclama desolada: ah, meu amor, eu não vi que era algum a coisa! (LAPOUJADE, 2017, p. 43)

O que a criança vê que a mãe não vê? A disposição dos objetos remete ao ponto de vista da criança, algo que ela ordenou de modo a transpor neles sua fantasia, que na maioria das vezes é difícil de verbalizar. Já o que a mãe não vê, é o ponto de vista da existência dos objetos pelos olhos da criança. Uma subjetividade que ela não enxerga.

Podemos transferir essa lógica das diferentes interpretações e pontos de vista a muitos aspectos do processo de leitura do mundo na criança. As falas reproduzidas aqui se encaixam com facilidade no estágio descrito por Jean Piaget (1963) como Pré-operatório, fase que contempla crianças entre dois e sete anos e se caracteriza pelo aparecimento das representações mentais e desenvolvimento das funções simbólicas onde há dificuldade em se colocar abstratamente no lugar do outro deixando-se levar pela aparência, sem relacionar os fatos, predominando a sua percepção global, sem discriminar detalhes.

Se simplificado ao máximo, o modelo do desenvolvimento humano de Jean Piaget (1963) carrega o pressuposto de que existe uma conjuntura de relações interdependentes entre o sujeito conhecedor e o objeto a conhecer, e envolve o processo de maturação do organismo, a vivência social, a experimentação com objetos e o equilíbrio do organismo com o meio. Portanto somente o fator biológico, que, teoricamente, por si só possibilitaria o desenvolvimento mental não assegura os fatores que desencadeiam esse desenvolvimento. Piaget afirma que a evolução para o pensamento lógico não é inata, mas paulatinamente construído a partir das interações. Para elaborar o pensamento lógico é necessário um projeto interno de reflexão.

Assim sendo, a fala infantil, bem como suas suposições, suas construções simbólicas, e sua projeção acerca da realidade, se refazem de signos e significados diariamente. Os registros aqui apresentados evidenciam essa criação intensa.

**No cotidiano da educação infantil: os saberes das crianças**

As falas foram recolhidas no primeiro semestre de 2019, no ambiente de mais de uma escola de educação infantil municipal de Sorocaba/SP. O procedimento para coleta dos dados aconteceu por meio de conversas informais com professoras que trabalham na educação infantil, esses relatos foram transcritos e para a presente pesquisa foram agrupadas algumas das falas de crianças entre 2 e 6 anos de idade, com objetivo de identificar a lógica, os saberes presentes na linguagem dessas crianças, e como tais interações podem ajudar o educador e sua prática na escola. Serão apresentadas oito situações, com um breve contexto para nos aproximar do cotidiano vivido pela criança, e os nomes contidos são todos fictícios (para manter sigilo das pessoas envolvidas).

**Situação 1 - Numa sala onde são atendidas crianças de 2 a 3 anos, o material apostilado sugeriu a seguinte situação problema:15 crianças que precisam chegar até a ilha de barco, existem três barcos, como distribuiremos essas crianças? (o objetivo é o raciocínio matemático). A professora da sala mostra a figura que ilustra a atividade e faz a pergunta em voz alta:**

- Temos 15 (quinze) crianças para dividirmos 3 em barcos. De quantos barcos precisaremos?

- Simples! Um “barcão” para todo mundo.

O que nos diz essa fala acima? De que maneira as falas das crianças nos colocam a pensar sobre as infâncias? Certamente a atividade denominada ‘situação problema’ não alcançou seus objetivos lógico-matemáticos. A criança que se manifestou imediatamente após o enunciado da professora, expressa prioritariamente sua noção de coletividade, ela provavelmente não quer separar as crianças. Sua representação mental supera o significado inicial e reafirma de modo prático o período inicial dessas representações.

Situação 2 - Alguns dias após o início das aulas, na sala da Prof. Paula, Maria uma menina de 4 anos, que veio de outra escola, questiona a professora:

- Profe, você não vai fazer coisa de escola?

- Como assim?

- Assim ó...

(foi para a lousa verde, colocou a mão na cintura e começou a escrever e dar ordens).

- Mas isso é coisa de escola?

- Sim, é, e isso também...

(pegou uma folha em branco, mandou desenhar e escrever, sempre batendo na mesa).

Situação 3 - O registro a seguir aconteceu durante uma atividade livre na área externa da escola, o espaço bastante arborizado, privilegia o contato das crianças com a natureza, a aluna Lívia, de 5 anos veio até a Professora Júlia com a seguinte intervenção:

- Professora, venha ver uma coisa!

(levando a professora pelo pulso afoita pra que ela chegue perto de uma árvore,

aponta para um inseto, que lembra uma borboleta minúscula).

- Olha só Prô: uma Tchutchuca!

- O que é uma Tchutchuca?

- Eu não sei!

A imagem acima ilustra bem como as expectativas das crianças são frustradas a partir da intervenção do adulto. Ao condicionarmos suas ações limitamos o processo criativo o qual deveríamos estimular.

Situação 4 - Aqui, aproximadamente 20 crianças do Pré II, todos com 5 anos brincam com brinquedos diversos, quando um cachorro passa ao lado do alambrado da escola, um dos meninos o vê e exclama:

- Que cachorro feio!

Uma das meninas visivelmente incomodada sai em defesa do cão:

- Nenhum cachorro é feio, todos são bonitos!

E puxa um “coro” para o cachorro com as colegas, que aderem imediatamente:

- Lindo! Lindo! Lindo!

Depois de alguns minutos de “ovação” ao cachorro, incomodada com os gritos,

a professora diz:

- Tá bom meninas, o cachorro nem está entendendo que ele é lindo mesmo.

As meninas se entreolham e iniciam um novo coro:

- Au-au, au-au, au-au !!!

Situação 5 – No parque da escola, várias falas ao mesmo tempo.

- Professora, sabia que eu vou casar?

- Ah é? E como vai ser?

- Eu vou colocar um vestido, vou no cabelereiro, vou ficar beeeeeemmmm bonita!

- Verdade? E o noivo?

- Não prô, sem noivo, sem noivo!

- Professora, você lembra que “ontens” você brincava sempre de dança das cadeiras.

(Uma das crianças estava prestes a ganhar um irmãozinho)

- E aí? Seu irmão nasceu?

- Sim!

Um dos meninos buscando chamar a atenção pra si, chama a professora e diz:

- Eu também já nasci sabia!

Situação 6 – Uma criança, possivelmente com febre, senta-se ao lado da professora e está percebe que ela estava quente e resolve medir sua temperatura:

- Você está bem? Diz a professora

- Sim, estou muito bem.

- Está quente, será que não está com febre?

- Não, não estou com febre.

- Vamos medir para saber?

- Tá bom, mas não estou com febre, o pi-pi-pi já me disse.

- Quem é o pi-pi-pi?

- Isso aí na sua mão...

(o termômetro que a professora segurava, emitia um sinal sonoro)

Situação 7 – No final da aula, as crianças se arrumando para ir embora. A professora pede a uma criança:

Querido, por favor, hora de guardar os brinquedos, seus cavalinhos e boizinhos estão todos caídos lá no chão.

- Eles estão descansando tia!

Situação 8 – A mãe conta para a professora que sua filha de 6 anos ouviu na tv uma conversa superficial sobre as divisões da sexualidade humana. “Existem heterossexuais, homossexuais e bissexuais”. Minutos depois ela foi até a mãe.

- Mãe, eu queria te contar uma coisa: eu sou bissexual.

A mãe com naturalidade respondeu:

- Tudo bem filha e como você chegou a essa conclusão?

- Porque pra mim tanto faz, se for menina eu brinco, se for menino eu também brinco!

**Considerações finais - E a criança fala, mas o que ela diz?**

A partir das nossas próprias experiências de escuta partindo do contato direto e por meio de reproduções de falas e “causos” ouvidos de colegas educadoras, enumeramos aqui algumas significativas e que demonstram de forma quase poética o olhar infantil sobre experiências adultas.

As crianças vivem no mesmo mundo que o adulto, mas diante das situações da vida cotidiana, respondem da forma como elas conhecem e observam o mundo, da sua forma, do seu jeito, da sua infância. E o adulto, pretendendo sempre ensinar algo para a criança, busca outras formas de fazer com que a criança corresponda ao seu desejo, ao seu anseio, a sua vida, e dessa maneira deixa de ouvir e ver a criança como ela é.

A diferença entre a criança e o adulto é comparada por Davi Lapoujade (2017) ao caso Brancusi, ocorrido na ocasião do desembarque de esculturas em solo americano, em 1926. Uma longa peça de bronze, nomeada “O pássaro no espaço” chama a atenção de um dos fiscais da alfândega de Nova Iorque, ele não a reconhece como sendo uma obra de arte e lhe impõe a taxação habitual dos objetos utilitários e manufaturados. O fiscal não enxerga na escultura sua intenção, não vê alma no ponto de vista contido na forma. Do mesmo modo, nós adultos não enxergamos prioritariamente as descobertas das crianças sobre a vida cotidiana.

Para ser e estar no mundo as crianças precisam ser deste mundo, precisam ser civilizadas, higienizadas, humanizadas e educadas. Educar para socializar, para disciplinar, para controlar, para colonizar. Em espaços, tempos e ações pensadas por adultos/as, com experiências planejadas, orientadas, supervisionadas e avaliadas. O que não seria de fato um problema, se não ignorassem as crianças como atores e atrizes desse processo, como produtoras de culturas infantis [...]. (SANTOS, FARIA, 2015, p. 65)

Quando pesquisamos crianças, quando pensamos em crianças, quando ouvimos as crianças, passamos a entender seus desejos, suas alegrias, suas conquistas, passamos a entender que nada é mais prazeroso do que a conquista, aquela conquista de algo, para ela, muito difícil, que não conseguia fazer sozinha, mas com a ajuda dos “seus pares” (crianças), conseguiu, conquistou sua liberdade, desafiou o medo e chegou ao seu objetivo.

É no contexto da escola, diz Gallo (2013, p. 209) “espaço natural de convivência das crianças com seus iguais, que podemos conhecê-las e compreendê-las melhor. Quando estão entre seus iguais, as crianças agem por si mesmas, são elas mesmas, sem tomar emprestados dos adultos comportamentos e ações.” E a conquista do professor, do adulto mais próximo, seria reconhecer e respeitar “suas diferenças e sua distância, em relação às crianças, não querendo ser uma delas”, para a partir daí, ser respeitado por ela, eis o jogo político que se joga na escola, o “povo criança e o professor, representante do povo adulto”.

**E para não concluir...**

A pesquisa ainda se encontra em andamento, mas já nos dá indícios da necessidade de novos olhares, olhar o estrangeiro.

A criança como estrangeira. Não como alguém que é de fora, desconhecida, mas como alguém que nos instiga a sair do lugar comum e a conhecer outros lugares, atravessar fronteiras. Aquela que nos instiga a construir novos olhares no intuito de maravilharmo-nos com suas “peraltagens” e seus “despropósitos” (Barros 1999), ao mesmo tempo em que nos convoca a estudá-las, conhecê-las e insistir nas nossas utopias para que seus direitos, recentemente conquistados, sejam preservados e garantidos. (FARIA, MACEDO, SANTOS, 2013, p. 65)

Para então aceitarmos o convite dessa criança e nos fascinar com ela, com suas produções, suas falas, suas ideias, sua criatividade, sua infância, suas transgressões e principalmente, vamos recriar através desse fascínio nossas percepções e possibilidades de transformações dessa realidade que as crianças e suas infâncias convivem.

[...] Talvez olhar ao contrário ver o mundo de ponta-cabeça possa nos aproximar da forma como as crianças se sentem. Talvez seja possível enxergar seu protagonismo, suas ações dentro do processo de uma educação *emancipatória* (FARIA, FINCO, 2011b, p. 5).

Quando exercitamos nosso olhar, nos deparamos com a originalidade da criança, com sua potência criativa, sua espontaneidade, seu “faz de conta que eu era...”, com sua capacidade de criar e imaginar, tudo o que nos tira do lugar comum, que nos causa estranhamento.

**REFERÊNCIAS**

FARIA, Ana Lucia G. de.; FINCO, Daniela. Creches e Pré-escolas em busca de pedagogias descolonizadoras que afirmem as diferenças. In: ABRAMOWICZ, Anete; VANDERBORECK, Michel. (orgs.). Educação Infantil e Diferença.Campinas: Papirus, 2013. p. 109-147.

\_\_\_\_\_\_; MACEDO, Elina E. de; SANTOS, Solange E. dos. Educação infantil e diversidade cultural: para uma pedagogia macunaímica. In: ABRAMOWICZ, Anete; VANDERBORECK, Michel. (orgs.). Educação Infantil e Diferença.Campinas: Papirus, 2013. p. 49-70.

GALLO, Silvio; Infância e Resistência – Resistir a quê?. Revista Leitura: Teoria & Prática, Campinas/SP., v. 31, nº 61, p. 199-211, nov. 2013.

LAPOUJADE, David. Existências Mínimas. São Paulo: Les Edition de Minuite, 2017. P. 42-43.

PIAGET, Jean. A construção do real na criança. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1963. P. 358-392

SANTOS, Solange E. dos.; FARIA, Ana Lucia G. de. O que quer dizer educação emancipatória na creche para as crianças de 0-3 anos? Entre o adultocentrismo e a descolonização. Revista Eventos Pedagógicos – Educação de 0 a 3 anos em espaços de vida coletiva, UNEMAT, v. 6, nº 3 (16 ed.), edição especial temática, p. 63-74, jan./abril 2016.

1. Doutora em Educação pela UNICAMP, Professora titular no Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado e Doutorado) da UNISO. Contato: eliete.nogueira@prof.uniso.br. [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestre em Educação pela UNISO. Doutoranda em Educação pela UNISO. Pedagoga pelo Instituto Superior de Educação do Paraná. Professora da rede municipal de Sorocaba/S.P., Brasil. Contato: ana@digimage.com.br. Bolsista CAPES. [↑](#footnote-ref-2)
3. Pedagoga pela Universidade Luterana do Brasil. Mestranda em Educação pela UNISO. Professora da rede municipal de Sorocaba/S.P., Brasil. Contato: vanessamarconato@yahoo.com.br. Bolsista CAPES. [↑](#footnote-ref-3)